

A Expectativa Bush

José Calvet de Magalhães

Só quando terminarem os habituais cem primeiros dias da sua presidência é que será possível discernir melhor qual vai ser a orientação política de George W. Bush. Mas o antigo governador texano já deu algumas pistas.

Após a complicada eleição de George W. Bush é natural que o mundo se interesse em saber que orientação geral ele dará à sua Administração, mormente no que se refere à política externa. Embora o Presidente dos Estados Unidos seja uma instituição, um órgão político, cujas decisões são o produto de um processo complexo de estudos, opiniões e recomendações de vários conselheiros e órgãos acessórios que o rodeiam, a sua personalidade não pode deixar, nem por isso, de ser tomada em conta, pois é ele que nos assuntos importantes do Estado tem sempre a última palavra.

Neste aspecto a personalidade de George W. Bush contrasta bastante com a do Presidente cessante Bill Clinton. Este é um homem extremamente aberto, com indiscutíveis qualidades de charme pessoal, com uma considerável cultura, bastante viajado, com uma visão humanitária das questões sociais, uma grande sensibilidade política e um auto-domínio e paciência, qualidades postas à prova durante o mais violento e persistente ataque pessoal de que um presidente americano jamais foi alvo, antes e depois de ter assumido os seus dois mandatos.

No que se refere a Bush, mesmo aqueles que lhe são mais chegados reconhecem que ele não é o que se poderá chamar um homem instruído, nem muito preocupado com as questões culturais. Pouco conhece do mundo exterior e dos seus problemas tendo, em toda a sua vida, viajado para fora dos Estados Unidos apenas três vezes. Insuficiências que poderão ser remediadas pela forçada aprendizagem que o exercício da presidência lhe vai impôr. Durante a sua governação de doze anos do Texas foi-lhe reconhecido um bem sucedido pragmatismo, sempre sobre o pano de fundo de um acentuado conservadorismo. O seu temperamento é, no entanto, instável revelando frequentes faltas de paciência. As suas orientações políticas têm-se mostrado um tanto nebulosas, embora tenha anunciado claramente que o seu programa legislativo pretende incidir fundamentalmente em cinco áreas: segurança social, educação, saúde, corte importante nos impostos e efectivação do esquema de defesa anti-mísseis ou National Missile Defense (NMD).

Quanto ao seu conservadorismo, estilo Reagan, Bush manifestou-o já claramente ao decidir suspender todos os auxílios financeiros americanos às organizações internacionais de planeamento familiar, favoráveis à prática do aborto. No plano da política internacional causou apreensão na Europa a sugestão feita pela Conselheira de Segurança Nacional, Condolezza Rice, de suprimir a participação das forças americanas nas operações de manutenção da paz na Bósnia. Mais importante, porém, foi o anúncio feito por Bush de pretender levar por diante o esquema de defesa anti-mísseis NMD e as implicações que uma tal medida poderá ter nas relações dos Estados Unidos com a Rússia que pretende manter o tratado ABM que os americanos desejariam rever.

Vladimir Putin, que se esforça por restabelecer o prestígio internacional da Rússia, ao ter conhecimento da eleição de Bush declarou: «A minha análise da história

moderna demonstra que quando os Republicanos estavam no poder nos Estados Unidos as relações americano-soviéticas não eram prejudicadas». Esta afirmação de Putin comprova-se amplamente com a história das memórias do embaixador soviético em Washington, Anatoli Dobrimin ("In Confidence", 1995), que exerceu funções durante os mandatos dos presidentes republicanos Nixon, Ford e Reagan, e igualmente do democrata Carter. O embaixador regista que, apesar das declarações anti-soviéticas por vezes pronunciadas pelos presidentes republicanos, as relações entre Washington e Moscovo processaram-se normalmente o que não aconteceu com o presidente democrata Carter que o Politburo considerou sempre como conduzindo uma política agressiva para com a União Soviética.

Drobinim documenta claramente este aparente paradoxo. Enquanto os presidentes republicanos se prestaram sempre a dialogar com Moscovo em matéria de limitação de armamentos, Carter esquivou-se sempre a entrar nesse jogo. Para a União Soviética o facto dos Estados Unidos, a maior potência militar do mundo, negociarem com ela num pé de igualdade, constituía um importante factor de prestígio interno e internacional. Carter, consciente da impossibilidade de um confronto nuclear entre as duas grandes potências, não embarcou no jogo propagandístico de Moscovo e nos contactos com as autoridades soviéticas falava-lhes sempre no respeito pelos direitos humanos, referindo-se mesmo ao ponto de visitar oficialmente a Polónia e dar alento aos dissidentes polacos. As consequências desta atitude vieram, mais tarde, a ter os resultados explosivos bem conhecidos, que aqui não é lugar para desenvolver em pormenor.

O cálculo de Putin de poder vir a retomar com Bush um diálogo sobre questões de armamento certamente se integra na sua preocupação de reconstruir o abalado prestígio russo como potência militar. É pouco provável no entanto, que o Congresso americano aprove o esquema NMD. Mas Bush certamente procurará reforçar, por todas as formas, o potencial militar americano. Essa orientação, além das suas repercussões externas, poderá acarretar-lhe sérios problemas internos.

Entre os sucessos de Clinton conta-se não só o notável progresso económico verificado nos últimos anos nos Estados Unidos, como além disso, a obtenção de um importante excedente orçamental, objectivo que os presidentes republicanos sempre proclamaram mas nunca conseguiram realizar. Reagan fez desse objectivo uma das suas principais promessas eleitorais mas ao deixar a Casa Branca o orçamento americano apresentava um dos maiores défices da sua história. Acontece que as despesas militares têm uma tal preponderância no orçamento americano que o seu equilíbrio depende essencialmente da diminuição ou contenção dessas despesas. Qualquer alteração de despesas nas áreas não-militares tem uma incidência mínima no equilíbrio orçamental. Se Bush envereda pelo caminho do aumento das despesas militares corre o risco de se reverter novamente à situação dos enormes défices orçamentais o que, depois do espectacular resultado obtido por Clinton em matéria orçamental não será muito bem visto pelo público americano em geral. E não se deverá esquecer que daqui a dois anos terão lugar as eleições intercalares para o Congresso e os lugares de Governador.

Mas para se ter uma ideia mais clara sobre as perspectivas que resultarão da nova Administração Bush é necessário deixar que terminem os habituais cem dias de prova dada aos presidentes americanos.